

## QUEER STUDIES E AS IDENTIDADES DE GÊNERO COMO PRODUTO DE CONTINGÊNCIAS SOCIAIS E HISTÓRICAS DO MEIO

Francinaldo Freire da Silva<sup>1</sup> e Valdir Ferreira de Paiva<sup>2</sup>

### RESUMO

*Queer Studies* são uma linha recente de estudos de teoria literária em língua inglesa que tem muito a contribuir com informações relevantes reunidas em estudos socio-antropológicos iniciados a partir do final dos anos 60 com o feminismo na literatura inglesa, e com os estudos de gênero dos anos 70 e 80, e finalmente com o advento da *Queer Theory* no início dos anos 90. As frequentes discussões em torno dos papéis de gênero e das crises de identidade de gênero que se manifestam nos dias atuais poderiam ser mais produtivas se os participantes tivessem informações oriundas desses estudos para norteá-los na direção de um debate democrático e cada vez mais livre de tabus construídos pela cultura da sociedade patriarcal. O objetivo deste trabalho é fornecer algumas informações e alguns conceitos básicos dos *Queer Studies*, e demonstrar alguns exemplos do reflexo positivo destes estudos sobre o pensamento das pessoas a respeito de indivíduos de orientação sexual homossexual, ressaltando nesse processo de exposição, a utilidade desses estudos na diminuição do preconceito e no combate à homofobia em nossa sociedade.

Palavras-chave: diversidade de identidades de gênero, construcionismo, estudos de gênero, *Queer Theory*

### INTRODUÇÃO

As questões em torno da origem das classificações de gênero em nossa sociedade tem se tornado assunto de muitas polêmicas em todas as esferas sociais. O comportamento sexual de minorias como gays e lésbicas geram muitas perguntas nas mentes das pessoas, e em especial, de professores e estudantes do ensino fundamental e do ensino médio, onde, por sua vez, surge a necessidade de fontes seguras de informações de cunho científico sobre a diversidade de gênero e de comportamentos sexuais dentro dos grupos humanos no decorrer

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação do Curso de Letras- Inglês- Departamento de letras e Artes da UEPB

<sup>2</sup> Especialista em Gênero e Diversidade na Escola, pela UFPB-GDE/ NIPAM

da História. Os estudos *Queer*, ou *Queer Theory*, como se definem em inglês oferecem informações oriundas dos estudos realizados por acadêmicos da literatura inglesa seguindo a vertente construcionista do feminismo e dos estudos de gênero. Estas informações foram coletadas por diversos eruditos. Na origem da linha de investigação construcionista encontramos os estudos antropológicos de Angels (1972), *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. O antropólogo Claude Lévy-Strauss e o psicanalista Sigmund Freud também contribuíram com trabalhos nesse campo. O artigo *The Traffic in Women* (1975) assinado por Gayle Rubin fornece os pormenores desta visão construcionista da origem dos gêneros, atrelada ao desenvolvimento dos grupos humanos e de seus mecanismos geradores de riquezas.

Um fator bastante interessante é que de posse destas informações o leitor poderá detectar em obras literárias atuais ou mais antigas a presença dos elementos *Queer*, e a partir destes dados, inferir livremente sobre as prováveis intenções dos autores ao inserir em suas obras personagens homossexuais. Professores do ensino fundamental e médio que estiverem bem informados a cerca destes estudos poderão inserir cuidadosamente, dentro das possibilidades dos currículos das instituições de ensino onde trabalham conceitos novos e mais equilibrados sobre a diversidade sexual humana e sobre as origens dos papéis de gênero, como produtos de construções sociais e históricas, independentes do gênero biológico dos sujeitos históricos dentro de nossa sociedade contemporânea. Tal compreensão em si, já representa um avanço significativo porque ela lança por terra argumentos homofóbicos arcaicos no sentido de que gays e lésbicas são pessoas doentes ou criminosas.

Este trabalho deve seguir uma linha cronológica da evolução dos estudos de gênero até o surgimento das investigações e conceitos dos estudos *Queer*. A fim de tornar estas explicações mais concisas e objetivas, começaremos com o feminismo na literatura inglesa dos anos 60, depois passaremos para os estudos de gênero nos anos 70 e 80 e culminaremos com os estudos ditos *Queer*, os quais começaram com leituras da obra de Michel Foucault (1976), *Historia da Sexualidade* volume I, e uma série de artigos assinados por Gayle Rubin (1975), Judith Butler (1988), e Eve Kosofsky Sedgwick (1990), estas últimas autoras já adotam o conceito de *Queer Theory* para os seus métodos de análise literária. A principal fonte de pesquisas deste artigo foi a obra *Literary Theory, an Anthology (Teoria Literária, uma Antologia)*, de autoria de Julie Rivkin e Michael Ryan (2004).

## O INICIO DAS INQUIETAÇÕES

No início dos anos 60 e seguindo em frente pelos anos 70 as mulheres autoras na literatura inglesa começaram a questionar a situação em que se encontravam no que diz respeito ao cânone das obras literárias em língua inglesa e a situação de desigualdade que se achavam em comparação com os autores do sexo masculino. Rivkin & Ryan (2004) comentam que o cânone ensinado nas escolas era predominantemente masculino e que as garotas, estudantes dos cursos de graduação tinham que conviver com pontos de vistas masculinos e frequentemente misóginos que lhes eram impostos como sendo “universais”. Os referidos autores acrescentam que a produção literária de mulheres em inglês daquela época e das décadas precedentes do século XX se resumia a escrita de cartas e diários, uma espécie de ficção sentimental, os quais eram descartados do cânone inglês pelos eruditos, do sexo masculino, como não tendo valor literário que justificasse sua inclusão no mesmo. Conseqüentemente, o feminismo na literatura inglesa dos anos 60 passou a criticar o cânone da literatura inglesa da época com seus estereótipos misóginos criados por escritores do sexo masculino, e começou a lutar para recuperar a tradição de escritoras femininas que havia se perdido ao longo das décadas do final do século XIX até aquele momento do século passado.

Os anos 70 assistiram ao desenvolvimento das duas vertentes de pesquisa dos estudos de gênero: a vertente construcionista, que aceita a ideia que o gênero é feito pela cultura no processo do desenvolvimento histórico dos indivíduos, e a vertente essencialista, que tende para ideia de que o gênero reflete uma diferença natural entre homem e mulher, diferença essa que se percebe na constituição psicológica e linguística em razão desta diferença ser biológica.

## AUMENTAM AS INQUIETAÇÕES

Neste ponto cronológico da nossa narrativa, os anos 70, já não é mais apenas o feminismo na literatura inglesa que alimenta o debate sobre as diferenças entre homens e mulheres. Os estudos de gênero já tomavam forma e ambas as vertentes mencionadas no final do subtema anterior, a essencialista e a construcionista recorriam ao pós-estruturalismo francês em busca de argumento sobre os quais apoiarem suas opiniões. Os essencialistas: para psicanalista feminina francesa Nancy Chodorow, para a filósofa ética Carol Gilligan, e para a filósofa feminista Luce Irigaray. Todas elas acreditam numa conexão maior das mulheres

com a matéria e com o mundo físico do que os homens, simplesmente em razão das suas diferenças físicas, *i.e.*, a maternidade, a lactação e amamentação e a menstruação. Por estas razões, elas afirmam que as mulheres são mais carinhosas, ou cuidadosas do que os homens devido as suas características psicológicas e físicas. Neste ponto, queremos acrescentar que não é nesta vertente que os estudos *Queer* se fundamentam. Eles derivam mais da vertente construcionista, pois esta aponta para fatores externos presentes no meio como determinantes na formação do gênero dos indivíduos como afirmam Rivkin & Ryan (2004, p. 768 ):

“A posição construtivista recorreu à teoria Marxista da construção social da subjetividade individual (Althusser) e à ideia pós-estruturalista de que a linguagem escreve ao invés de refletir identidades. (Uma) identidade de gênero não é menos uma construção da cultura patriarcal do que a ideia que os homens sejam de alguma forma superiores às mulheres; ambas nascem ao mesmo tempo e ao mesmo golpe da caneta”.<sup>3</sup>

Os processos que operam tal fabricação de identidades de gênero são: performatividade, dissimulação e imitação. Tais processos geram identidades de gêneros que apenas aparentam possuírem uma substancia pré-existente material ou natural.

## FOUCAULT CONTRIBUI PARA AS INQUIETAÇÕES

Os distúrbios que aconteceram nos Estados Unidos em 1968, onde a polícia entrou em conflito com homens homossexuais nas ruas de grandes cidades estadunidenses, foram descritos por Rivkin & Ryan (2004) como “uma fissura no edifício cristalino da ordem social” que com o tempo haveria de quebrar e romper o sistema em um ato de rebelião contra o *status quo*. A partir daquele tempo começara entre os feministas a ganhar força a raciocínio de que as identidades de gênero estariam mais propensas às contingências da história e da cultura do que as da biologia. Elas seriam coisas construídas e variáveis de acordo com as sociedades e ao longo da história. Antropólogos e historiadores defendiam agora que o gênero era variável: na história e entre as sociedades, existem variações entre as formas diferentes de praticar sexo, e de se pertencer a um gênero ou ao outro. Estudos a respeito de praticas sexuais estigmatizadas, como o sexo oral, o sexo anal e as relações sexuais entre duas mulheres, demonstraram que essas práticas eram codificadas de forma diferente entre culturas

---

<sup>3</sup> Original em inglês: “The constructivist position took inspiration from Marxist theory of the social construction of individual subjectivity (Althusser) and from the Post-Structuralist idea that language writes rather than reflects identities. Gender identity is no less than a construction of patriarchal culture than the idea that men are somehow superior to women; both are born at the same time and with the same stroke of the pen”. (Tradução de Francinaldo Freire da silva)

diferentes, por diversas sociedades e ao longo da história. Foucault (1976) alude ao século XIX como um momento no tempo em que tais práticas foram “descobertas” como sinais de perversões identificáveis, enquanto de uma sociedade para outra elas eram práticas comuns.

A cristandade é apontada como o elemento que se interpõe entre as duas visões diferentes ao longo dos tempos, pois ela cumpre o papel de estigmatizar as práticas sexuais não reprodutivas. Foucault (1976, p.50) fala nesses termos a respeito das práticas homossexuais na visão da sociedade vitoriana do século XIX:

“Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a *incorporação de perversões* e nova *especificação dos indivíduos*. A sodomia- a dos antigos direitos civil ou canônico- era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico o homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida: também é morfologia, com uma anatomia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém, como natureza singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se no dia em que foi caracterizada- o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa maneira de inverter , em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, o homossexual é uma espécie.” (os grifos são do autor citado)

De forma cabal, eis uma descrição de como uma identidade de gênero pode surgir através de uma série de contingências sócio-culturais, independente da fisiologia do indivíduo. Por essa razão, desde que começaram a circular os volumes de *História da Sexualidade*, e conseqüentemente outros autores passaram a fazer suas releituras dos conceitos de gênero, Foucault tem sido considerado como estabelecendo as bases para a *Queer Theory*, ou os estudos *Queer*.

## CONCLUINDO ESTE ARTIGO, AS INQUIETAÇÕES PERSISTEM

A partir de Foucault (1976), surge a noção do anacronismo no emprego da palavra “homossexual” para designar homens e mulheres que fazem sexo com outros (as) do mesmo sexo em outro período que não seja a Era Vitoriana - segunda metade do século XIX até a primeira década do século XX. Conscientes deste fato, autoras como Gayle Rubin, *Sexual transformations (Transformações Sexuais)*, (1984); Judith Butler, *Performative Acts and Gender Constitution (Atos Performativos e Constituição de Gênero)*, (1988) e Eve Sedgwick Kosofsky, *Epistemology of the Closet (Epistemologia do Armário)*, (1990) recorrem aos termos “gay” e “queer” quando se referem a pessoas gays para evitar o peso do termo “homossexual”, que para Foucault (1976) carrega todo o peso de designar um doente, um paciente do setor de psiquiatria. Recomendo a leitura dos artigos citados, pois eles são considerados pilares dos Estudos *Queer* ou *Queer Theory* por fornecerem informações sobre o surgimento do homossexual como doente Rubin (1984), as estratégias de imitação e dissimulação que as sociedades patriarcais ensinam indivíduos a usarem a fim de criarem suas identidades de gênero Butler (1988), e como as noções de gêneros binários, homem-mulher na sociedade patriarcal ocidental servem como fonte para o preconceito e a intolerância, visto que tais papéis binários não correspondem facilmente ou necessariamente ao comportamento sexual das pessoas ditas “heterossexuais” de modo geral, pois elas muitas vezes praticam sexo anal e ou sexo oral, práticas que pelos códigos e padrões arcaicos seriam privilegiadas pelos “homossexuais” Sedgwick (1990). Em suma, Estas informações expõe a intolerância e a hipocrisia dos setores ultraconservadores da sociedade ocidental e podem ajudar educadores e educandos a contornarem construções discursivas e ideológicas homofóbicas, desconstruindo as bases do preconceito e da violência contra gays e lésbicas.

## REFERENCIAS

1. **FOUCAULT**, Michel. **História da Sexualidade, Vol. I-A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. 22ª impressão. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1988.
2. **RIVKIN**, Julie & **RYAN**, Michael. **Literary Theory, an Anthology** (Teoria Literária, uma Antologia). 2nd ed. Blackwell Publishing. Oxford, 2004.

